

Nas possibilidades do boxe: de Megalobox e Rocky Balboa à Mary Kom e Bia Ferreira

Diego Gomes Teixeira

Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado José Blota Junior, situada no extremo da Zona Sul da cidade de São Paulo, precisamente, a última escola da Diretoria Regional de Educação do Campo Limpo, no bairro Horizonte Azul.

No ano pandêmico de 2021 entramos em greve na busca pelo mínimo: a garantia de atuação segura diante do risco de contaminação e morte pela Covid-19. Reivindicávamos vacinação condições sanitárias adequadas para o trabalho docente e a existência discente. Retornei da greve por volta do dia 15 de abril devido à iminência do corte nos vencimentos.

Vivemos três momentos distintos. O primeiro, com 30 % da turma presente e revezamento semanal; o segundo com 50% e revezamento semanal e o terceiro com 80% sem revezamento até recebermos 100% das turmas.

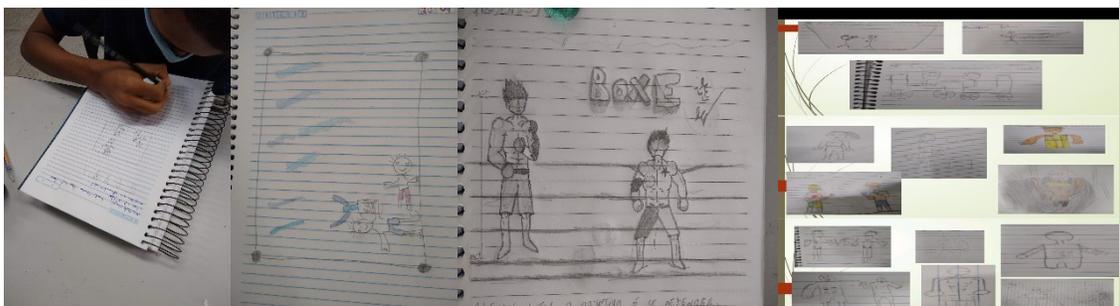
Havia várias restrições para a execução das práticas corporais, além de não ser possível compartilhar objetos; ter que manter o distanciamento de 1,5 m entre pessoas e higienizar constantemente as mãos. As medidas foram “flexibilizadas” no segundo semestre.

Iniciamos a tematização do boxe. Fiquei sensível a esse tema por notar excitação ao trazer como possibilidade as lutas. As turmas de 8º anos contaram algumas histórias de “tretas” na saída da escola ou em outros lugares que presenciaram, também faziam piadas ao dizerem que as mães lutavam quando batiam neles e nelas. Além disso, percebi que havia apreciação bastante marcada nas estampas de blusas e camisetas, testeira (Naruto), nos cadernos e nos traços de desenho de animes e, portanto, a relevância do tema para as turmas. Também citavam filmes e séries que continham lutas. Por fim, em algumas aulas em que contextualizava a Educação Física na área das Linguagens, ao fazer um levantamento do que viveram nos últimos anos, foi percebida a ausência das lutas e danças.

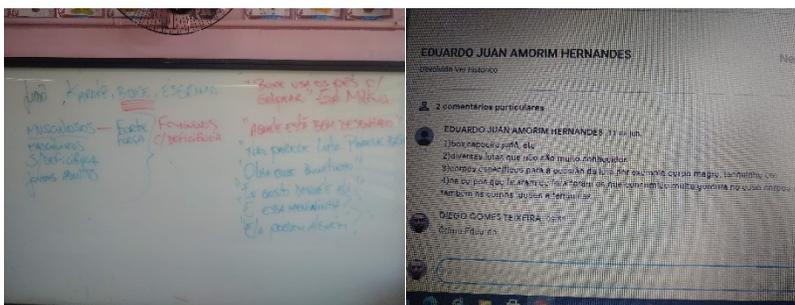
Logo de início sugeri que desenhassem. Queria, com isso, verificar qual a possível imagem ideal do corpo que luta. Expliquei e anotei as orientações para a produção na lousa. Neste tempo estava bastante afetado por conceitos da psicanálise Lacaniana.

Após colher todas as produções, fotografei e criei uma apresentação de Power Point

para fazer a leitura dos desenhos.



Nessa leitura dos desenhos, fiz algumas questões sobre qual gênero era predominante entre outras marcas expressas no “corpo que luta”. Foi percebido: (1) A maioria eram corpos masculinos; (2) era explícita a intenção de marcar músculos nos desenhos para significar o “corpo que luta” como forte; (3) Nenhum desenho trouxe a pele preta; (4) Nenhum desenho marcou alguma deficiência física. Fiz os registros das falas na lousa:



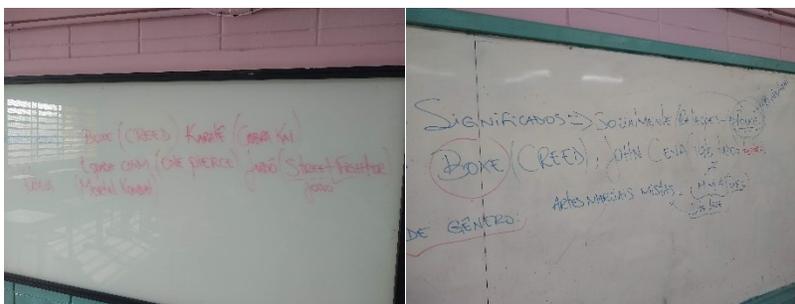
Bonito, feio, legal, horrível.

Chamei a atenção para sair desses binarismos e pensar para além do belo e do feio, do bem e do mal. As falas tencionavam os sentidos sobre os desenhos. Várias lutas foram citadas. Juízos sobre a qualidade do que viam: *aquele está bem desenhado. Olha que bonitinho. Eu gostei daquele ali. E aquela menininha ali? Ela perdeu alguém? Eram todos em forma de lutador. Os músculos são mais denominados. Parece judô. Acho que é karatê... Boxe! Não parece luta. Parece briga. Boxe usa os pés para golpear?*

Entre tantos, um desenho específico chamou muito a atenção por lembrar um gesto propagado no período de isolamento social para denunciar casos de violência doméstica que, como se sabe, aumentaram significativamente. Levei o desenho para a coordenadora a fim de apurar a suspeita. A aluna que produziu o desenho foi transferida para outra escola e não tivemos mais notícias.



A partir dos desenhos constatou-se que o boxe aparece com mais frequência nas representações dos corpos que lutam. Outra questão percebida é que alguns desenhos tinham “traços” de animes. Questionei sobre os desenhos / filmes que acessam que tenham lutas e anotei alguns na lousa.



Um ponto engraçado nessa atividade foram os desenhos sem cabeça devido ao anúncio: “corpos que lutam”, o que pode ter sido entendido como “somente o corpo”.

Isso me atravessou produzindo alguns pensamentos e registros que enfatizaram as sensações para considerar corpos que sofrem, amam, odeiam, sentem dores diversas, sensíveis, tensionados, cuidados e descuidados...

Assim, propus que experimentassem situações de luta. Golpear colchonetes. Apresentei orientações gerais de cuidado e segurei alguns colchonetes para golpearem.

Após a experiência, questionei a turma sobre a experiência:

Achei difícil pegar o jeito de respirar, os golpes têm que ser treinados, achei emocionante. Senti que foi legal adrenalina e gosto de fazer algo novo. Um dos colegas da minha classe testou a luva de anti-impacto. Realizamos na classe, e alguns não fizeram e eu também, mas quando for na próxima aula eu irei com certeza gostei muito do tema da aula. Senti raiva. Aliviado. Colocando o ódio pra fora. Senti que foi legal adrenalina e emoção. Legal. Não gosto de luta, professor. Foi da hora, professor! Foi bom.

Sobre os desenhos e nossas leituras ao notar corpos musculosos para indicar força, alguns contendo expressões de raiva, elaborei uma apresentação em Power Point com as

categorias no qual havia diferentes corpos para além dos musculosos ou musculosas (classificação por peso) e imagens de lutadoras e lutadores, além de trazer mais dados para pensar boxe. Entre eles, as diferenças entre o boxe olímpico e o boxe profissional. Algo que também coloquei no material de análise. Selecionei e apresentei alguns vídeos de lutadoras e lutadores representantes daquelas categorias. Referindo-se às lutadoras: *parecem homens lutando. Acho sem graça.*

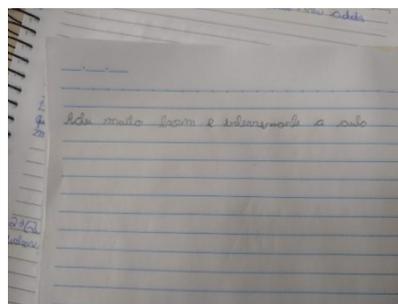
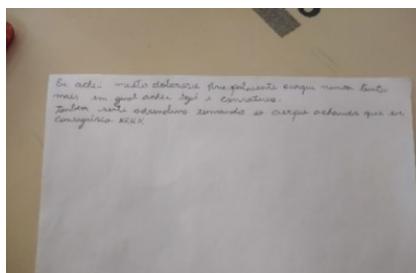
Lembrei a turma do fato de ser muito mais ofertadas produções que tragam os corpos masculinos nas lutas. E que assim, o corpo masculino é apresentado como “a imagem ideal” de quem luta. Bastava um levantamento de filmes e desenhos que contêm lutas, em quantas dessas produções a mulher era a protagonista? Dentre as citadas, pouquíssimas tinham a mulher como protagonista.

Com base no que acessamos, sugeri a utilização do saco de pancadas. Uma aluna que treinava lutas disponibilizou alguns equipamentos - um par de luvas e um par de manoplas ([para treinar sequências](#)) - Propus que golpeassem o saco de pancadas sem as luvas. Orientei sobre os cuidados e gradualmente sugeri que [aumentassem a potência](#) dos golpes.



À medida que os golpes eram desferidos, relatavam o quão duro era o saco de pancadas e que machucava as mãos. Diante das dores e queixas, perguntei: *bater, machuca?*

A resposta foi unânime: *sim, muito!*



Levando em consideração que a prática produz também a identidade pretensa do

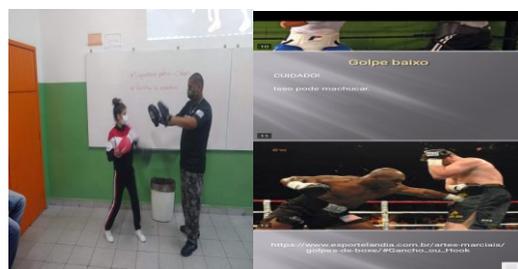
sujeito, neste caso, ser lutador é não sentir. É provar força; quem é mais homem. E em como as pessoas são interpeladas em assumir essa posição. Em outras palavras, também se apropriam desse signo da representação. Podemos somar nessa problematização, a razão pela qual poucas desenharam corpos femininos na representação de quem luta. Ou seria aleatório quando, na análise dos vídeos das mulheres lutando, falam que parecem homens?

A prática também produz a identidade de gênero?

Reagi à resposta da turma: *então o corpo que bate também sente dores, ou seja, bater machuca.*

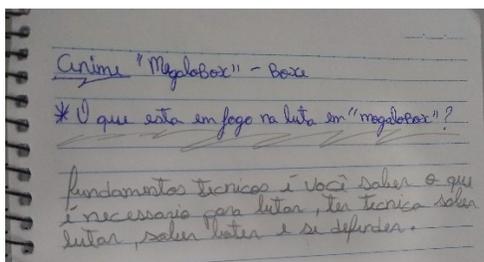
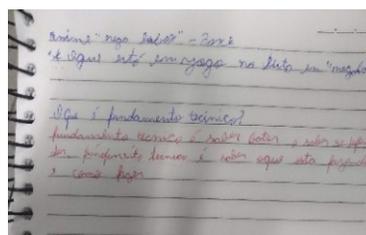
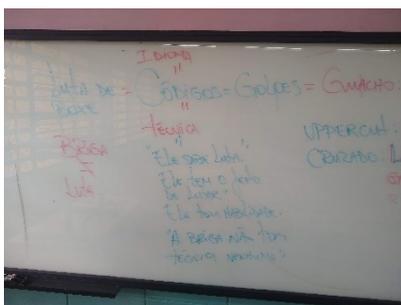
Contudo, busquei orientações sobre a gestualidade do boxe para se apropriarem dos códigos. Pesquisei alguns canais no YouTube com tutorias de movimentação, defesas, esquivas e golpes. Em um site havia descrições bem precisas e as usei para fazer o reconhecimento dessas técnicas numa apresentação usando Power Point.

À medida que lia as descrições, desafiei-os a tentarem reproduzir as técnicas ilustradas. No fim das tentativas passava para a imagem e consultava o vídeo do canal do ex-boxeador Petter Venâncio.



Nessa situação, além de reproduzirem, discutimos o conceito de técnica como sendo uma forma específica de se fazer algo. Gestos combinados como numa situação de videogame, na qual se opera o controle combinando comandos. Também coloquei em debate

a ideia de “código” com isso. Entendendo que aquelas técnicas (golpes, deslocamentos, defesas e esquivas) eram próprias do universo do boxe e isso o caracterizava como “boxe” e que aqueles códigos não pertenciam à situação de gênero da pessoa em si, ou seja, ao homem ou à mulher, mas a quem luta. O código de ética nas lutas. Importante registrar que sobre este último, muitos se manifestaram, afirmando as normas de comportamento fora dos espaços da luta por suas experiências no projeto de judô e capoeira no Centro Educacional Unificado Vila do Sol e na ONG situada no bairro.



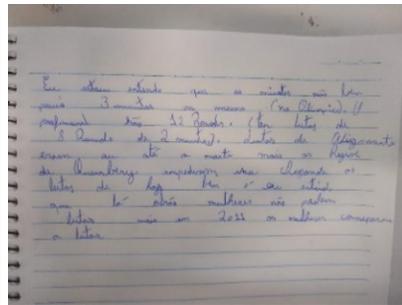
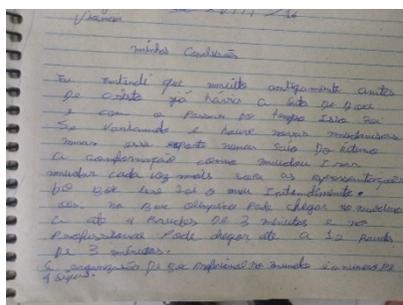
Fundamentos técnicos são as coisas necessárias para lutar boxe, bom, você precisa saber bater, saber defender (...) nós usamos os punhos, usamos o corpo todo, principalmente as pernas e o quadril! A questão é saber fazer as coisas! As vezes nós achamos que é só bater, mas não! Eu entendi que o boxe é uma luta que tem golpes bem legal você tem que ter força, defesa e uma base que é o fundamento necessário e combinação de golpes. No boxe é fundamental saber bater e defender, os golpes não podem ser baixos, o queixo é o lugar que deve ter mais defesa, por isso a posição base defende o queixo. Ele sabe lutar. Eu: Saber lutar significa...? Ele tem o jeito de lutar. A briga não tem técnica nenhuma.

Passamos das práticas exclusivas com os equipamentos para combinações de golpes, golpes com esquivas, defesas e movimentações, tal como percebido nos vídeos que analisamos. Na sala, propus com mais profundidade a análise das representações "olímpica" e “profissional”, selecionei vídeos de lutas de boxe olímpico (em especial, da lutadora Beatriz

Ferreira que iria disputar os Jogos Olímpicos) e profissional, e questionei-os sobre as diferenças percebidas, além de outras: *as roupas. Pode chutar? No boxe olímpico usa capacete. O que é aquilo na boca? Professor, o que é aquilo que passam no rosto? O juiz verifica se estão jogando limpo. Na cabeça é permitido. São loucos.*

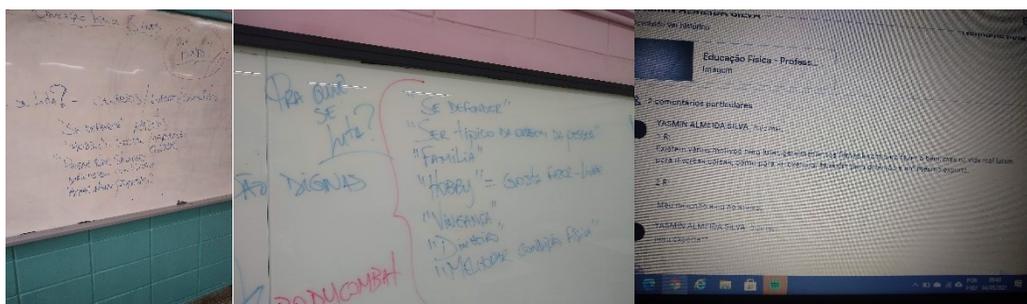
Ao responder às observações sobre o boxe olímpico, chamei a atenção para a ideia de “amador” e, por isso, mais proteções em comparação ao boxe profissional. Julguei importante discutir o conceito de olímpico e selecionei alguns dados históricos das representações dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga e na atualidade, além do percurso histórico do boxe para reconhecer as transformações da luta, sua institucionalização e os esforços em torná-la menos sangrenta. Daí os equipamentos, como as luvas e mesmo o ringue ao delimitar o espaço, sobretudo, para não haver interferências de terceiros, pois era comum tal situação.

Os Jogos Olímpicos foram feitos para celebrar os deuses por volta de 600 A/C, só homens atenienses participavam. Diferentes jogos representavam diferentes deuses. Os jogos eram restritivos para mulheres e diferentes povos. Hoje em dia o significado mudou. Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga era uma competição só para cidadão ateniense com o objetivo de celebrar o amor mesmo, para honrar os deuses e a educação. A Olimpíada também foi criada por causa da guerra, por país e vários jogos serão praticados. Os jogos foram criados antes de Cristo. Eu entendi que naquela época era muito restrito para mulheres. Eles também têm muita educação integral. Poucas pessoas pensavam no político e acabavam sendo prejudicados. Meu entendimento da aula foi: 3000 A/C (Antes de Cristo) as lutas começaram com os Faraós/ Egito (Continente Africano).

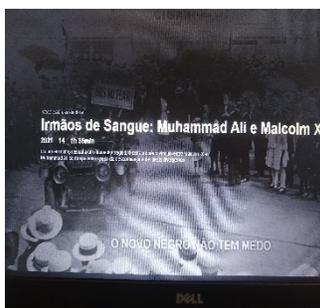


Sobre os diferentes tipos de boxe e a declaração de uma aluna ao afirmar que eram “loucos” – mesmo sendo mulheres que estavam lutando – coloquei a seguinte questão na lousa: “Para que se luta?”

Isso também muda em relação à essas representações do boxe. Dado que, no boxe olímpico as razões simpatizam com o “patriotismo”, “servir à nação”, receber a maior honraria e seu objeto de mérito que é a medalha. Ouvindo essa colocação, sugeri a experiência narrada em documentário de Muhammad Ali, nascido Cassius Marcellus Clay Júnior, nos jogos Olímpicos de Roma, em 1960.

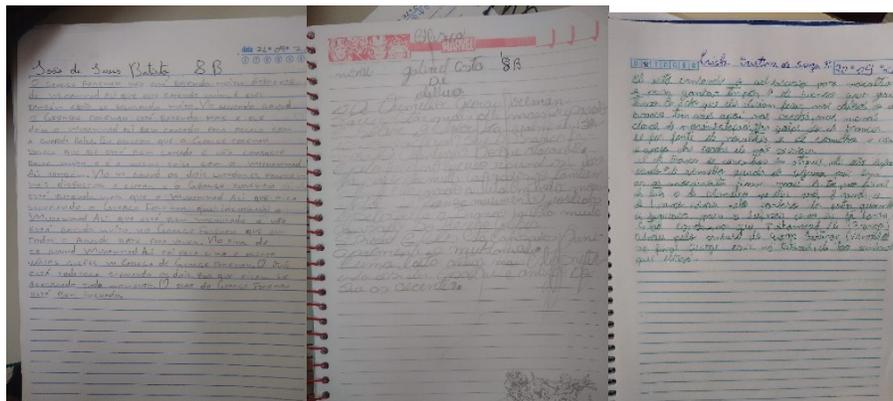


Aproveitei a ocasião para discutir as questões raciais no boxe, já que a luta por igualdade racial marca a trajetória de Ali. Na sequência também propus a análise da disputa entre Ali e George Foreman, considerada “a luta do século”, que ocorreu em Zaire, em 1974. Antes de assistir, conversamos sobre a importância da estratégia, dado que, antes do combate se estuda o oponente para elaborar um plano para a luta. Os treinos do(a)s atletas condicionam-se à estratégia elaborada. Durante a assistência, questionei a turma nessa direção, sobre qual seria a estratégia de um e do outro.



Solicitei a análise por escrito, além de ter gravado: *no começo parecia que o George iria ganhar porque ele estava atacando muito no começo, mas isso atrapalhou porque ele se*

cansou rápido. E o Ali estava na defensiva e isso favoreceu ele. Concluímos que Muhammad Ali (de calção branco) venceu pelo cansaço do George Foreman (de calção vermelho) no final George caiu no tatame, de tão cansado que estava. O mais legal foi ver os golpes que eles usaram. O de vermelho foca mais na cabeça do de branco. Os dois vão mais na região da barriga. Eles aguentam por muito tempo ou rounds. Quando vai passando os rounds eles vão ficando mais cansados.



Também passamos a lutar. Em cada grupo se discutiam as regras e as regiões do corpo que poderiam ser golpeadas, o espaço e o tempo da luta. Por fim, também combinavam como seriam decididos vencedores e vencedoras, perdedores e perdedoras. Em uma das situações, ficou combinado que o ringue seria o círculo central da quadra, e o tempo, dois rounds de 30 segundos. As regiões seria as mesmas que observaram nas lutas analisadas até então.





Nos flagrantes dos vídeos é possível perceber como foram se apropriando das análises ao orientar quem lutava, inclusive citando os nomes das técnicas e questionando sobre possíveis irregularidades, embora estivessem regidos por regras “nossas”. Após algumas lutas, discutimos sobre o que acabava de ver. Além disso, as alunas e alunos passaram a comentar coisas que viam fora da escola, conhecidos que lutavam e até se equiparam enfaixando as mãos.



Acho que eles tentam acertar só a cara. Eu tentava só na cara porque ele estava defendendo ali. Dá um cruzado. Solta um jab na cara.

Em uma situação bastante engraçada, um aluno chamou minha atenção para mostrar seu *footwork*.

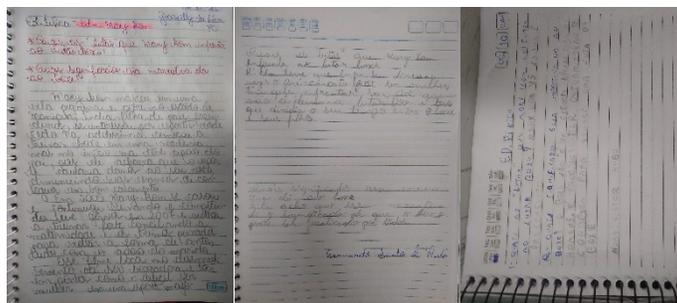


O período em que estive em greve foi repostado aos sábados. Considerando o grupo reduzido de estudantes, propus como atividade paralela [analisar as narrativas](#) de animes e outros filmes que apresentavam cenas de boxe, uma vez que fora comentado que as imagens referência das lutas foram extraídas desses materiais. Produções que julguei mais significativas para problematizar foram analisadas durante a semana: *Mary Kom*, *Rocky IV* e *Megalobox*.

O primeiro é um filme biográfico da lutadora indiana conhecida como Mary Kom, com muitas particularidades daquele sistema-mundo que pouco conhecemos. O segundo é um clássico repetido pelos canais de televisão. Nessa análise, trouxe dados da Guerra Fria, algo que atravessou o confronto entre Rocky Balboa e Ivan Drago. O terceiro é um anime realista – soube desse termo pelos alunos aficionados.

Para a leitura do filme biográfico Mary Kom, solicitei que respondessem às seguintes questões: quais lutas Mary Kom enfrentou para praticar boxe? Como o material que assistimos influencia nosso modo de ver o boxe?

Os treinamentos, os filhos e os problemas do dia a dia. Muito preconceito e é um país que mulher não pode lutar e não pode fazer o que os homens fazem. A Índia é um país em que mulher tem que ficar em casa e cuidar dos filhos. Ela teve que enfrentar diversas vezes o preconceito por ser mulher, teve que enfrentar seu pai que não a deixava lutar boxe e teve que dividir seu tempo entre o boxe e os filhos. Eu acho que essa narrativa dá o significado que o boxe pode ser praticado por todos. Mary Kom vs Sasha e o preconceito. O boxe não é um esporte só para homens. É preciso ter determinação e coragem para vencer uma luta de boxe. Ter que dar atenção para o boxe e para a família. A pobreza e preconceito. Superação e força. Pobreza, objeções do pai, supremacia dos homens no boxe, país machista, preconceito e cuidar dos filhos. Mostra a força feminina dizendo que por mais que coloquem barreiras nos esportes para elas, elas ainda assim podem superar isso e seguirem os seus sonhos.



Na análise do anime, propus que só assistíssemos ao primeiro episódio de um total de 13. O episódio, no entanto, cria expectativas para saber o resultado da situação narrada. Insistiram para assistir também ao segundo episódio. Assim fizemos.

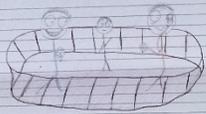
Nas análises, centralizei nas representações femininas na luta. Em especial, no boxe olímpico, a lutadora Beatriz Ferreira passou a ser acompanhada por alunas e alunos nos Jogos Olímpicos de Tóquio que aconteceram em 2021, quando Beatriz Ferreira conquistou a medalha de prata na categoria leve (- 60 Kg).

Na busca por locais e referências da luta, em conversas na sala de professores e professoras, comentando sobre a tematização em curso, uma professora me contou que lutava. Convidei-a para uma conversa com as turmas. Os 8^{os} anos se surpreenderam com a notícia, porque ninguém imaginava que a professora do Ensino Fundamental I, sem qualquer semelhança com os corpos representados nos desenhos que eles fizeram, filmes e animes que assistiram, praticava boxe. Na data combinada, [a docente partilhou](#) conosco alguns saberes em relação às técnicas. Sugerindo modos de socar e gestos que, combinados, aumentavam a potência aos golpes, como o jogo de ombros e a boa base.

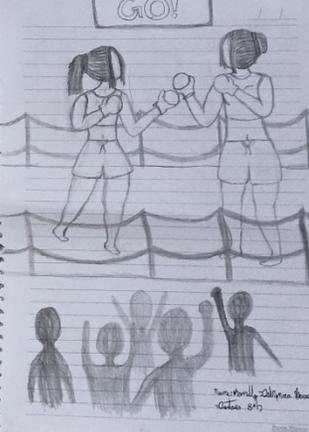
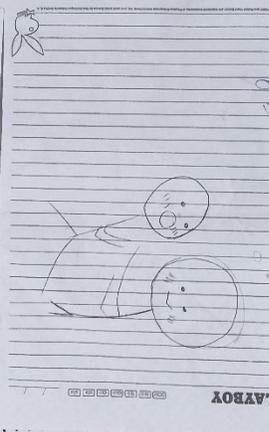
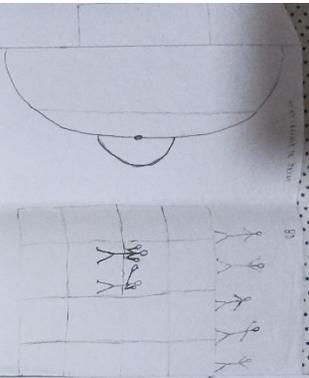
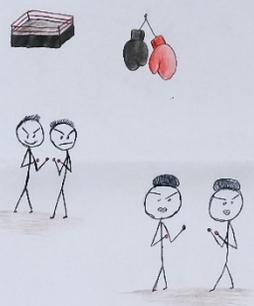
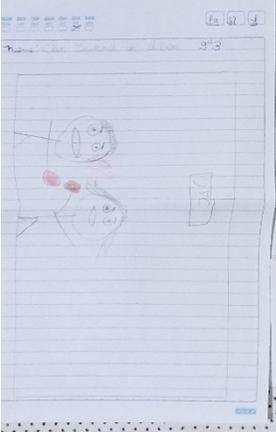


Constatei nas redes sociais que o boxe é praticado em outras “configurações”, em especial, “boxe sem luva” que se assemelhava à estrutura do MMA. Seleccionei alguns vídeos para assistência com a turma precedida da seguinte provocação: que luta é essa?

11.11.21
educação física
Natação da manhã 9:30



11.11.21
15



FLAYBOY

San. Kelly - 20/11/21
Cidade 847